

EDGAR A. POE



# O Gato Preto

---

ADAPTAÇÃO  
Renato Massaharu Hassunuma

© Renato Massaharu Hassunuma

**Título original**

*The black cat*

**Conselho Editorial**

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

*Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de São Marcos – FACSM*

BIOMÉDICA ESP. SIMONE KIKUTI

*Especialista em Análises Clínicas pela Universidade do Sagrado Coração – USC, Câmpus Bauru. Especialista em Hematologia pela Faculdade Metropolitana.*

**Capa e Design**

Renato Massaharu Hassunuma

**Créditos das Figuras**

*Capa, páginas capitulares e contracapa*

Fonte: Hodan G. Cat eyes on black background [Internet]. Sem data [Acesso 06 ago 2023].

Disponível em: <https://www.publicdomainpictures.net/en/view-image.php?image=58224>.

Figura registrada como: *License: CC0 Public Domain.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

---

P798g Poe, Edgar A., 1809-1849  
1.ed. O gato preto [livro eletrônico] / Edgar A. Poe;  
tradução e adaptação Renato Massaharu Hassunuma. –  
1.ed. – Bauru, SP: Canal 6, 2023.  
PDF.

Título original: The black cat.  
ISBN 978-85-7917-618-0

1. Ficção norte-americana. I. Hassunuma, Renato  
Massaharu. II. Título.

08-2023/78

CDD 813

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Bibliotecária : Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

EDGAR A. POE



# O Gato Preto

ADAPTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

*Professor Titular do Curso de Biomedicina  
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

1ª Edição / 2023

Bauru, SP

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a ***Biomédica Esp. Simone Kikuti e o Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva***, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma*

EDGAR A. POE



O  
Gato  
Preto

# O Gato Preto

A história que estou prestes a contar pode parecer fantasiosa para você, leitor. Mas você não precisa acreditar em mim. Não quero parecer louco para ninguém, mas nem eu mesmo consigo acreditar no caso que irei relatar. Afirmo que não sou louco e o que aconteceu não foi um sonho. Morrerei amanhã, mas hoje preciso registrar como tudo aconteceu.

Deixo relatado aqui, de forma bem transparente, uma série de acontecimentos que se passaram em minha casa, cujas consequências me torturam. Espero que alguém com uma mente tranquila possa analisar, com clareza, a sucessão de fatos que vou apresentar.

Desde a minha infância fui uma pessoa carinhosa e gentil. Mas essa bondade só me fez sofrer com o comportamento abusivo das outras crianças. Eu gostava muito de animais e fui muito mimado pelos meus pais, que sempre me agradavam com animais de estimação. E foi com estes amigos que passei a maior parte do meu tempo da minha vida. Eram tardes de felicidade, cuidando de meus bichos de estimação. Essa vida peculiar moldou quem eu sou. Para aqueles que já adotaram um cãozinho, não preciso explicar o que é a vida de um pai de bicho de estimação. Existe algo no amor altruísta e inocente dos animais que nos atinge direto no coração.

Casei muito cedo, e por sorte minha esposa também nutria esse amor por bichos de estimação. Percebendo o meu amor por animais, ela escolhia os mais adoráveis. Éramos pais de pássaros, peixes dourados, um cão, alguns coelhos, um pequeno macaco e um gato.

Mas nosso gato era especial. Tinha um grande porte e era lindo. Todo negro e com uma esperteza surpreendente. Minha esposa costumava comentar que todos os gatos pretos eram bruxas disfarçadas. Não que ela acreditasse nisso. Apenas me veio a lembrança nesse momento.

O nome do gato era Plutão. De todos animais que cuidávamos, ele era o meu favorito e meu maior companheiro. Só eu o alimentava. Ele me seguia por toda a casa. Era até difícil para eu conseguir sair de casa sem ele tentar me seguir. E foi assim que nossa amizade durou por vários anos.

Mas em uma determinada fase da minha vida, que não sei explicar, meu humor mudou. Comecei a me tornar mal humorado, irritado e perdi minha empatia. Certa vez perdi a paciência. Cheguei até a bater em minha esposa. Até meus animais de estimação perceberam minha mudança de comportamento. Comecei a negligenciá-los e maltratá-los. Mas não o Plutão.

Entretanto, minha doença continuou a crescer dentro de mim. A doença me possuía como o álcool! Até que um dia, até mesmo o Plutão, já velho e debilitado, começou a sofrer com meu mau humor.

Certa noite, voltando embriagado para casa, cismeiei que o gato estava me evitando. Eu o agarrei à força. Ele reagiu assustado, mordendo a minha mão. Num ataque de ira, peguei um canivete, segurei o animal pelo pescoço e arranquei um de seus olhos.

Que vergonha sinto agora ao relatar esse absurdo.

Na manhã seguinte recuperei minha razão, sentindo horror e remorso pelo crime que cometi. Mas logo afoguei essas lembranças que me atormentavam no vinho.

A recuperação do coitado do gato era lenta. Aquela órbita do olho perdido conferia uma aparência assustadora ao animal. Mas ele não demonstrava qualquer sentimento de sofrimento ou dor. Ele vagava pela casa normalmente, mas fugia ao me ver. Eu ainda me sentia triste ao perceber que meu querido gato sentia medo de mim.

Mas aos poucos, comecei a ficar irritado com o comportamento amedrontado do gato. E assim, certo dia, surgiu em mim o inevitável espírito da perversidade, um dos impulsos mais primitivos do coração humano. Quem nunca foi malvado ou estúpido por qualquer bobagem, mesmo sabendo que não deve se comportar assim? Nem sempre conseguimos nos controlar, mesmo sabendo o que é certo e errado.

Surgiu em mim um sentimento que me levou ao inevitável fim do animal inofensivo. E foi assim que em uma certa manhã, enrolei uma corda no pescoço do gato à sangue frio. Pendurei o gato no galho de uma árvore, com lágrimas escorrendo dos meus olhos e com um remorso amargo no meu coração. Eu sabia que aquele gato me amou e que não tinha me ofendido propositalmente. Aquilo que seu estava fazendo era um pecado mortal. Eu acabava de arriscar minha alma imortal perante a infinita misericórdia do Deus Misericordioso.



Naquela noite, acordei com o som do fogo queimando dentro de casa. As chamas se erguiam nas cortinas da minha cama. A casa inteira estava incendiada. Com muita dificuldade, eu, minha esposa e uma criada conseguimos escapar de casa. O fogo destruiu completamente nossa residência. Perdi tudo e fiquei desesperado. Mas não consigo estabelecer uma relação entre causa e efeito, entre a atrocidade e o desastre.

No dia seguinte, visitei o que sobrou da casa. Todas as paredes haviam caído, exceto uma voltada para a cabeceira da minha cama. Algumas pessoas olhavam para aquela parede com curiosidade. O que também despertou a minha curiosidade. Ao me aproximar, vi a figura fantasmagórica de um gato gigantesco gravada naquela parede. Era uma imagem precisa, que mostrava uma corda ao redor do pescoço de um gato.

Fiquei aterrorizado ao ver aquela imagem estampada na parede. Mas, lembrei que o gato foi enforcado no jardim ao lado da casa. Então imaginei que, no início do incêndio, alguém cortou a corda e arremessou o cadáver do gato pela minha janela para me acordar. As outras paredes que caíram devem ter comprimido o gato naquela parede, fazendo com que, de alguma forma, a imagem fosse impressa.

Essa é uma boa explicação racional, embora tudo aquilo tivesse me abalado emocionalmente. Por meses, não consegui me livrar do fantasma do gato. Havia dentro de mim um sentimento que parecia o de remorso, mas não era. Cheguei até a lamentar a morte do animal.

Em uma noite após o ocorrido, sentado em um bar, vi um vulto negro pousando sua cabeça sobre barris de gim ou de rum, que eram usados como móveis. Eu olhava fixamente para o topo daquela cabeça por alguns minutos. Aproximei e toquei aquela cabeça com a mão. Era um gato preto, enorme como o Plutão, e muito parecido com ele em todos os aspectos, exceto um. Plutão não tinha pelos brancos em nenhuma parte de seu corpo.

Aquele gato tinha uma mecha branca longa, cobrindo quase todo o seu peito. Quando o toquei, ele se levantou imediatamente, ronronando alto e se esfregando em minha mão. Parecia ser então, o gato que eu sempre desejei.

Conversei com o dono do bar para comprá-lo, mas ele disse que o animal não pertencia ao local. Continuei acariciando o animal e quando decidi voltar para minha casa, o gato fez questão de me acompanhar.

Deixei que me seguisse. Durante o caminho de volta para casa, eu me abaixava e o acariciava. Quando cheguei em minha residência, o gato já estava domesticado e imediatamente se tornou o favorito da minha esposa.

E, por isso, comecei a sentir antipatia pela minha esposa. O inverso do que eu imaginava. Não sei como, nem o porquê. O carinho da minha mulher por mim começou a me incomodar, me irritando cada dia mais. E aos poucos, sentimentos de nojo e aborrecimento se transformavam em ódio.

Passei a evitar o gato, para não maltratá-lo. Eu ainda sentia vergonha ao lembrar da crueldade com que tratei Plutão. E foi assim por semanas. Mas aos poucos, comecei sentir aversão por ele.

Uma das coisas que aumentou meu ódio por ele, foi descobrir que o gato também era cego de um dos olhos. Esta deficiência do animal, por outro lado, encantava minha esposa. Por causa da minha aversão ao gato, minha esposa começou a se afastar de mim.

Mesmo assim, o gato continuava me seguindo pela casa. Toda vez que eu me sentava, o gato se agachava debaixo de minha cadeira, fazendo aquelas carícias asquerosas. Quando me levantava, o gato andava entre meus pés, quase se jogando debaixo de mim ou então, prendia suas garras em minha roupa.

Naquelas horas, minha vontade era matar aquele animal com um único golpe, mas a lembrança do antigo crime me impedia. Sentia um pavor que não consigo explicar direito. Mas sei que sentia vergonha.

Minha esposa comentou comigo mais de uma vez que a mecha branca no peito do gato aos poucos lembrava o formato da corda de uma forca ao redor do pescoço do animal. Cada vez que olhava aquela besta, me sentia o mais miserável dos miseráveis.

Aquilo lá, vivendo comigo... eu, um homem moldado à imagem do nosso Supremo Deus. Que desgraça insuportável! Que infelicidade! Não havia mais dia, nem noite de descanso! Durante o dia, a criatura não me deixava sozinho. Durante a noite, comecei a ter sonhos em que o gato subia em cima do meu peito e eu sentia seu hálito quente em meu rosto.

Atormentado, não sobrou nada de bom em mim. Meus pensamentos, cada vez mais, se tornavam sombrios e malignos. Meu mal humor eventual se transformou em ódio permanente a tudo e a todos. Tinha ataques de fúria que eu não conseguia mais controlar e que me deixavam cego de raiva. Minha esposa se tornara a mais pacientes dos sofredores.

Com o passar do tempo, a pobreza nos obrigou a mudar para uma casa decadente. Certo dia, o gato me acompanhou até a casa, subiu as escadas íngremes e se jogou sobre mim. Aquilo me levou à loucura. Peguei o machado para golpear o animal, mas fui impedido pela minha esposa. Com raiva, enterrei o machado na cabeça dela e ela caiu morta sem gemer.

Tive que ocultar o cadáver. Não havia como retirar o corpo de minha casa, nem durante o dia, nem durante a noite, sem ser visto pelos meus vizinhos.

Muitas ideias se passaram pela minha cabeça. Pensei em cortar o cadáver em pedaços e queimá-los. Pensei em fazer uma cova na adega. Pensei em jogar o corpo no poço do quintal. Pensei em encaixotar e arranjar alguém para tirá-lo de casa.

Então, finalmente, tive uma ideia que achei a melhor de todas. Decidi murá-la no porão, pois suas paredes eram mal feitas e foram rebocadas com um material áspero que não endurecida direito por causa da umidade. Além disso, em uma das paredes havia uma projeção que imitava a passagem de uma chaminé ou lareira.

Tinha certeza que conseguiria remover os tijolos, colocar o cadáver e refazer o muro novamente sem que ninguém conseguisse perceber qualquer coisa suspeita. E foi isso mesmo! Usei um pé de cabra, removi os tijolos, deposei o corpo contra a parede interna e reconstruí a estrutura da parede como a original. Preparei um gesso idêntico ao antigo e apliquei com cuidado sobre a nova alvenaria. Quando terminei, senti que havia feito tudo certo. A parede nem parecia ter sido reformada. Recolhi o lixo do chão com todo cuidado e olhei triunfante o serviço encerrado. Que perfeição de um trabalho que não fora em vão!

Meu próximo trabalho, seria executar a besta que me causou tanta desgraça porque, agora sim, tinha decidido matá-lo. Mas parece que o animal havia se assustado com minha crise de raiva e desapareceu de casa. Isso foi um alívio! O gato não apareceu durante a noite e finalmente consegui dormir tranquilamente, mesmo sob o fardo do assassinato sobre minha alma.

Três dias se passaram e não vi mais o gato. Enfim, respirei livre. O monstro havia fugido para sempre! Não o veria mais! Era minha felicidade suprema! O sentimento de culpa pelo assassinato pouco me perturbava. As pessoas faziam perguntas, mas prontamente respondia seus questionamentos.

Houve uma busca em minha casa, mas nada foi descoberto. Meu futuro parecia garantido.

Quatro dias após o assassinato, uma equipe de polícia entrou inesperadamente em minha casa, e procedeu uma nova investigação rigorosa do local. Eu me sentia seguro a respeito do local em que o cadáver fora ocultado. Não sentia nenhum constrangimento. Os policiais pediram que eu os acompanhasse em sua busca. Não deixaram nenhum canto da casa sem ser revistado. Desceram umas quatro vezes ao porão. Mas nenhum músculo meu tremeu. Meu coração batia tranquilamente como o de um bebê dormindo inocentemente. Andei pela adega de lado a lado, cruzei os braços até ver que a polícia estava satisfeita e pronta para partir. Não conseguia conter a alegria em meu coração. Disse então aos policiais:

- Fico feliz por não terem mais suspeitas.
- Esta é uma casa muito bem construída! – disseram os policiais
- Com certeza, é uma casa excelentemente construída! Essas paredes, como vocês veem, são muito resistentes!

Num ato imbecil de arrogância, bati pesado com uma bengala naquela mesma parte da alvenaria onde estava o cadáver de minha esposa. A reverberação dos golpes da bengala foi respondida por uma voz de dentro da parede! Um grito abafado, como o soluço de uma criança. E depois um grito alto e longo de lamentação, horror e triunfo surgindo do inferno. É loucura tentar explicar o que se passava pela minha cabeça. Desmaiando, cambaleei em direção à parede oposta. Em um instante, senti o chão parar de se mexer e, no outro, vi uma dúzia de braços robustos derrubando a parede.

O cadáver, em estado avançado de deterioração, permanecia de pé. Sobre sua cabeça, lá estava o gato, sentado com a sua boca vermelha aberta, o olho solitário de fogo e a voz que me entregou aos policiais. Sem saber, eu havia emparedado o monstro.



O Gato Preto é um conto do escritor americano Edgar A. Poe, publicado em agosto de 1843.

Esta obra do Mestre do Terror é um estudo sobre a esquizofrenia, a mania de perseguição e a psicologia da culpa.